

The background of the cover features a large, yellow embossed coat of arms. It consists of a crown at the top, a shield in the center containing a figure of a woman, and a banner at the bottom. The entire design is rendered in a textured, embossed style.

**ANAI**

**DO**

**MUNICÍPIO**

**DE FARO**

**1978**

**N.º VIII**

# Crónica da Conquista do Algarve (1)

(Texto de 1792)

Comentários e notas de JOSÉ PEDRO MACHADO

---

(1) — Para não alongar este título, pareceu-me mais prático não atribuir à obra aqui reeditada o escolhido por Alexandre Herculano em *Scriptores* (p. 413).



## 1. — INTRODUÇÃO

«Em Agosto do ano de 1788 descobri na Câmara da Cidade de Tavira no Reino do Algarve uma pequena Crónica da Conquista do mesmo Reino, que julguei de algum interesse. Nos tomos velhos da mesma Câmara vem lançada no I que por sua muita antiguidade não tem princípio, nem fim, desde págs. 207 até 213 por treze laudas completas de fol. grande. Nos Tomos Reformados em 1733 vem no I desde pág. 3 até o meio da pág. 9, por doze laudas e meia da mesma marca; e fazendo todo o esforço por encontrar o Autógrafo da dita Crónica, o não pude já mais conseguir.

«Quanto à sua integridade, em dois, ou mais lugares a julgo mutilada de poucas palavras, que o contexto está reque-  
rendo se supram, e eu não o fiz, por querer conservá-la no seu mesmo estilo, ortografia e forma, segundo o copiei fide-  
lissimamente do exemplar do Tomo Velho já citado».

Assim historia Frei Joaquim de Santo Agostinho o achado desta obra medieval, nas págs. 74 e 75 do 1.º volume, 1792, das **Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências (de Lisboa)**. O estudo, na íntegra, ocupa as 74-79 e tem este título: **Memórias sobre uma Crónica inédita da Conquista do Algarve**.

Com base no **Dicionário Bibliográfico** de Inocêncio (IV, pág. 57, e XII, pág. 147 (1)), digo em resumo que Frei Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão nasceu em Tavira a 19 de Maio de 1767. O nome por que é conhecido confirma que ele começou a vida de religioso como eremita calçado da ordem de Santo Agostinho, tendo professado a 13 de Julho de 1783, com 16 anos de idade, portanto. Em 1793 obteve na Universidade de Coimbra o grau de Licenciado em Teologia. Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, encarregou-o esta de examinar os cartórios do Reino, empresa que realizou em parte entre 1788 e 1794. Decorrido algum tempo, em 1798, passou para freire conventual da Ordem de S. Bento de Avis e no ano seguinte foi nomeado abade de S. Tiago de Lustosa, no arcebispado de

(1) — Segundo ainda Inocêncio (IV, pág. 58) a sua biografia inédita guarda-se ou guardava-se, na Secretaria da Academia das Ciências. Escreveu-a João Baptista da Silva Lopes.



Braga. Em 1822 fazia parte das Cortes Ordinárias como deputado eleito e no seguinte recebeu a Comenda da Ordem de Avis.

Faleceu na sua abadia no dia 5 de Janeiro de 1845, com quase 78 anos.

Nos mencionados passos do **Dicionário Bibliográfico** de Inocêncio, o leitor pode encontrar a bibliografia de Frei Joaquim.

---

A **Coroniqua** é, como julgo, a primeira obra histórica da nossa província, por isso mesmo se impunha a sua reedição que naturalmente tinha de pertencer ao município da sua capital.

A «sua reedição», melhor, a sua segunda reedição, porque Alexandre Herculano não se esqueceu de a reproduzir nos **Scriptores dos Portugaliae Monumenta Historica** (1856-1861), onde ocupa as págs. 415-420, aí chamada **Crónica da Conquista do Algarve** ou **Coroniqua de como dom Payo Correa mestre de Santiago de Castella tomou este reino do Algarve aos Moros** (no texto medieval).

---

Com numerosas alterações de redacção e de linguagem (pareceu-me não valer a pena assinalá-las aqui), este texto pode também ler-se em pelo menos duas outras obras da nossa historiografia medieval:

a) — na **Crónica de Cinco Reis de Portugal**, publicada em 1945 por Artur de Magalhães Basto (págs. 202-219); faz parte do códice 886 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, organizado nos fins do século XV, mas o texto da Crónica é do anterior, com a data de 1419.

b) — na **Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal**, publicada em 1952 por Carlos da Silva Tarouca (págs. 253-279); faz parte do códice 965 da biblioteca dos Duques do Cadaval, mais moderno que o anterior, mas posterior a 1505 («cópia feita em tempo de D. Manuel», pág. XXV); o texto também é do século XV.

---

Se pelo espírito de alguém passou qualquer dúvida sobre a existência deste texto em Tavira no século XVIII, pode afastá-la, e definitivamente, porque disponho de argumento (creio que irrefutável) para isso.

Outro Frei Joaquim, este de Santa Rosa de Viterbo, conheceu-o, leu-o e até dele transcreveu pelo menos um pequeno trecho para o seu monumental **Elucidário** (s. v. **pellacill**):

«Disseram os Mouros: «Somos já á cerca do mez de Julho, em que avemos apanhar nossos pains, e mais vence chegando o tempo do pellacill. E po's que asi somos maltratados do Mestre fazemos com elle tregoas athé S. Miguel de Setembro, que vem, e apanharemos então nossas novidades, e depois guerrearemos com elles athé que os deitemos fóra da terra.» Doc. da Camara de Tavira do século XIV.»

Estas palavras ocorrem no cap. V, §§ 1 e 2 desta **Crónica**.



## 2. — TEXTO

### CORONICA DE COMO DOM PAYO CORREA MESTRE DE SANTIAGO DE CASTELLA TOMOU ESTE REINO DO ALGARVE AOS MOROS

[1]

Reinando em portugall ellRey afomso o treseiro deste nome que hera 1  
cazado com dona beatrix filha de ellRey de Castella ouve della estes filhos  
convem a saber / ho ymfante dom denis que nasceo em Lisboa dia de  
S. denis aos vymte de outubro era de mill e duzemos e noventa e nove  
annos, e ho ymfante dom afomso que foi mui bom ymfante, e a ymfante  
dona samcha que morreo em sevilha e depois a trouxeraõ a allcobaça, e  
outra filha que ouve nome dona bramqua que foi senhora do mosteiro de 2  
llorvaõ e nelle morreo segumdo a Coronnica de espanha fas mençaõ / e  
este rey dom afomso tomou aos mouros faraõ e outros llugares e ho mes-  
tre dom payo correa era seo compadre e seo naturall e ganhou tavra e a  
maior parte do allguarve e naõ diz como nem porque guisa mas quere-  
mos vos dizer aqui brevemente como estes lugares foram tomados  
segundo ho achamos escripto. / quando ellRey de Castella tomou sevilha 3  
aos mouros segumdo ho achamos escrito na coronnica de espanha era alli  
com elle naquelle cerquo este mestre dom payo correa trazemdo comsigo  
muintos e bons cavalleiros da ordem de santiago de Castella de que elle  
era mestre e depois da tomada de sevilha viveo pouquo tempo ellRey dom  
fernando e reynou depois ellRey dom afomso seo filho padre dona beatrix  
mulher de ellRey dom afomso de portugall / reynando ainda seo irmaõ dom 4  
samcho capello, tres annos antes que elle foce dado por regedor de por-  
tugall ajuntou ho mestre dom payo correa sua gente e entrou pella terra de  
lusitania que era conquista de portugall onde havia muitos lugares em  
poder de moros e ganhou delles merthola e a torre que está da parte de foras  
daquella villa e o dito rey dom samcho fes mercê pellas almas de seu padre  
e madre e por serviço que lhe o dito mestre fizera. / Ganhou mais este 5  
mestre aos moros auzulltrell que he em campo de ourique e estando neste  
lugar ouve concelho com os seos cavalleiros de que maneira podiaõ hir  
ao reyno do allguarve mas todos em hum acordo por recearem a grande  
passajem da serra lho estrovavaõ e ho mestre tesdo em vontade de hir lá  
toda via veiho a fallar com hum mercador que andava vendendo suas mer-



cadorias antre os moros e os **christãos** (2) a que chamavaõ Garcia Rodrigues e descobriolhe a elle a vontade que tinha de conquistar aquella terra que era por serviço de deos e que o deichava de fazer porque não sabia todo o reyno do algarve e os Reiz que havia e como eraõ em grande desvairo huns com otros que era hum dos azos porque mais azinha ho podia ganhar se lá foce e devizou lhe o lugar por onde melhor passaria e levaria suas gentes mais a seo salvo / entaõ cavalguaraõ os almagraves do mestre e partiraõ de azultrell e passaraõ a serra pella torre de orique e andaraõ mui mançamente por os moros não haverem sentido delles e ao primeiro lugar que chegaraõ foi a torre de estombre e aprove a deus que a tomaraõ mui a seo salvo e tanto que foi tomada enviaraõ loguo recado ao mestre ou e elle com grande aprazer cavalguou loguo a preça com seos cavalleiros freyres e levou suas guias e passou a serra (e) (3) chegou a torre que os seos já tinhaõ tomada e dalli ganho hum lugar a que chamaõ alvor que he antre silves e lagos e destes dous luguares faziaõ grande guerra aos moros de silves e de outros luguares ao redor.

5

## [II]

COMO OS MOROS DERAÕ AO MESTRE CACELLA  
POR DEICHAR A TORRE DE ESTOMBAR, E ALVOR

Vendo çe os moros munto anoyados e preseguidos do mestre ouveraõ comçelho runsc om otros que lhes deçem por partido ao mestre algum lugar mais fora do Reyno por aquelles que tinha donde lhes não fizeçe tanto damno e noyo como lhes fazia junto da cidade de silvez daquelles dous que já tinha ganhado porque a terra era mais povoada contra o cabo e acordaraõ de lhe darem por partido a Cacella por aquelles luguares ambos e isto fizeraõ porque tavira hera lugar mais fóra do Reyno por aquelles que tinha donde lhes não fizeçe tanto noyo e dali o deitarão (4) mais azinha fóra da terra / e fizeramno saber ao mestre a elle lhe aprove munto porque ho lugar hera forte e bom, e deichoulhes entaõ estombar e alvor por cacella / e dali cavalgou o mestre com suas gentes e foi cercar a paderna porem o mercador Garcia Rodriguez diçe ao mestre que os moros eraõ com grande desvairo e que isto era para elle mais azinha ganhar a terra e não seguio despois asi que loguo os moros foraõ em hum acordo e todos se trabalharaõ defender sua terra e quando os moros de faraõ e de tavira e dos termos em redor souberaõ que o mestre hera sahido de cacella a correr pello algarve mandaraõ dizer aos moros de loulé que no dia seguinte foçem com elles para todos terem ho caminho ao mestre e pelleyarem com elle / e a otro dia ajuntaraõçe todos com este acordo e foraõ dormir a hum lugar onde chamaõ o **desbaratto** contra a serra e o mestre deitou parte e passou

1

2

3

4

5

(2) — No texto de Frei Joaquim: *Xpãos*.(3) — Em *Scriptores*.(4) — Em *Scriptores*, «deitariños».



de noite por loule que o não sentio nimguem e indo pello caminho direito que vem para tavira as suas escutas que vinhaõ diante sentiraõ os moros que ahi jaziaõ e ali se deteve, e não quiz andar e jouveraõ ali toda aquella noite.

### [III]

#### COMO O MESTRE PELEYOU COM OS MOROS E OS DESBARATTOU E VENCEO

Despois que a noite foi gastada, e o ar da manhan veiho e foi o dia claro não tardou munto o mestre que loguo ordenou suas gentes em batalha com sua bandeira estendida e moveraõ todos dali a onde estavaõ e não lhes conveiho buscar mui longe os moros que eraõ ali acerca delles em hum valle escuro e viraõ vir os Chrisptaons e fizeraõçe prestes parecendo os mui poucos por as / gentes que eraõ poucas, e o mestre foi loguo dar em elles ahi aonde estavaõ e começou çe entre elles huma forte pelleya e cada hum se defendia mui bem que nenhum tomava atras e durante asi a batalha por hum grande expasso os moros não poderaõ sofrer os Chrisptaons e começaraõ de fugir morrerão muntos deles em esta pelleya e os que escaparaõ fugiraõ para hum luguar que dizem foradoiro, quem vem donde esta batalha lhes foi feita a que chamaõ a fonte do bispo / e se algũs Chrisptaons morrerãõ em ella não ho achamos escripto mas devemos conciderar que alguns fariaõ ali fins dos seos dias e o mestre nem os seos noõ os seguiraõ mais nem foraõ em ho alcançe dos moros por serem mui cançados da batalha e trabalho que nella levarãõ.

### [IV]

#### COMO OS MOROS DERAÕ DE SUPITO NOS CHRISPTAONS HINDO SEO CAMINHO E SE ACOLHE O MESTRE E OS SEUS A HUM MONTE

Grande noyo tomaraõ os moros por este desbaratto que asi ouveraõ . 1  
expecialmente os de tavira e por isso loguo aquella noite ouveraõ seo acordo e concelho dizendo entre si «estes Chrisptaons mui poucos porque cada vez somos vencidos hiraõ agora seguros pois sahiamoslhe agora ao caminho que elles não cuidaraõ que em nos haverã tanto esforço pela dezaventura que ovemos e todos sem nenhum temor demos nelles e assi os desbarataremos / e ho dia seguinte não sabendo ho mestre disto parte partioçe 2  
donde esta batalha fora feita e tornouçe para cacella que hera sua / e vindo 3  
caminho direito por onde chamaõ o almargem acerca donde os moros es-



tavaõ, e hera já perto da noite e o mestre naõ levava consigo toda a gente porque a deichava no monte donde hera e hora he **castro marim** para que alli colheçem alguns que passam pella ribeira e chegando ao luguar aonde os moros já estavaõ aguardando sahiraõ os moros a elles taõ de subito que o som delles era espantozo e trespassou as orelhas de quantos alli vinhaõ em tal maneira que ao mestre e seus pouquos que com elle eraõ por força os fizeraõ recolher ao monte alto que está cerca de tavira que hora chamaõ **o cabeço do mestre** / e dali se defenderaõ os Chrisptaons mui rijamente e poucos delles venciaõ muntos dos moros porque o luguar era forte para se defenderem mas com tudo naõ deichavaõ os moros de ho combater rigozamente por ganharem o monte e se a noite taõ azinha naõ viera que os partio por força e deicharaõ os moros de os afincar e lençandoçe ao pe do monte e ouverão acordo de se tornarem porque loguo recearaõ a gente que ao mestre a otro dia veiho em ajuda e partiraõ çe mui alta minhan para donde vieraõ sem saberem os Chrisptaons parte disto / e o mestre mandou aquella noite a caceña por gente á preça e vieraõ muy azinha para o otro dia pelleyarem e elles entaõ souberaõ como os moros já eraõ partidos e dalli se foi o mestre com sua gente para Cacella e ahi esteve.

4

## [V]

**COMO O COMENDADOR E SINCO CAVALLEIROS FORAÕ  
COM ELLE CAÇAR AS ANTTAS ALEM DE TAVIRA HUMA  
LEGUA E SAHIRAÕ OS MOROS A ELLES E OS MATARAÕ**

Passando esto os moros de tavira e dos otros luguares ao rededor ouveraõ seo acordo e diceraõ entre si nós somos já acerca do mes de Julho em que avemos apanhar nossos pains e mais ven çe chegando o tempo do pellacill, e pois que asi somos maltratados do mestre façamos com elle tregoas athé saõ miguel de setembro que vem e apanharemos entaõ nossas novidades e depois garrearemos com elles athe que os deitemos fora da terra / e entaõ o fizeraõ saber ao mestre e a elle prove de lhe dar tregoas por aquelle tempo por entanto ajuntar mais gentes e haverem folgança de seu trabalho e durando as tregoas por este tempo sendo os mouros e os Chrisptaons seguros dice o comendador mor e otros cavalleiros vamos caçar com groças aves as antas termo de tavira que heraõ dalli a tres leguoas e tomaremos alli algum prazer e desemfadamento pois a terra está segura / o mestre quando isto ouvio receando çe do que podia ser diçe ao comendador mor e aos otrosnaõ me parece que he bem que vades llá porque os moros saõ muy ciozos asi das terras como das molheres e se vos llá virem podervos ha aquecer algum dano, porque na sanha saõ gente sem freo. tornou dizer o comendador mór nos estamos com elles em treguas e naõ avemos por que aver medo porem por mais segurança nos yremos de paz e de guerra se allguma couza nos acontecer / entaõ se partio o comendador com outros symquo cavalleiros e vieraõ direitos pello caminho de tavira e passaraõ pella ponte e foraõ pella praça da vila e chegaraõ as antas huma legua de tavira

1

2

3

4



acerqua da ribeira e dali começaraõ andar a caça tomando prazer e cuidando bem pouco que a sua morte era taõ acerca porque quando os moros que estavaõ folgando a porta da villa os viraõ passar daquella guisa maravilhaõse munto e murmuraraõ huns com outros dizendo que nenhum homem nascido podia soffrer as couzas e soberbas que estes Chrisptaons fazem que saõ taõ grandes e em tão pouca conta nos tem que asi passaraõ por aqui e foraõ pella praça como se a villa fora ja sua e loguo fizeraõ sua falla que se fossem a elles e os matassem a onde quer que os achassem e entaõ se juntaraõ todos fervendo com gran sanha com soberbosas palavras e caminhaõ todos para hir onde elles andavaõ / e os cavalleiros que andavaõ caçando asi viraõ tantos moros porem ainda que os viraõ naõ suspeitaraõ loguo o que era e ajuntaraõçe todos e diceraõ por certo aquelles moros sobre nós vem sejamos todos apercebidos e pois aqui naõ ha otro concelho senaõ esperar este medo defendamonos bem e vencelloshemos com ajuda de deus athe fazer fim das nossas vidas em seu serviço e mandemos hum homem a preça ao mestre que nos soccorra e pelleyaremos entaõ com elles / entaõ fizeraõ hum pallanque o melhor que puderaõ de paos de figueiras velhas que acharaõ por alli e nisto os moros vieraõ e como foraõ perto delles começaraõ de os combater mui rijamente e posto que os moros os muito afincaçem elles se defendiaõ com mui grande esforço e pelleyando asi desta maneira aconteceo que o mercador que ante dicemos que dera o concelho ao mestre para tomar a terra de estombar a que chamavaõ Garcia Rodriguez que hia de Faraõ para tavira com sua recova de bestas como avia de costume e quando vio a volta dos moros foi lá por ver o que hera, e como avia de costume e quando vio a volta dos moros foi lá por ver o que hera, e como os vio pelleyar com os Chrisptaons torvouçe rijamente e diçe a seus homens tomai essa recova e cargas e idevos com ella, que se eu viver naõ me mingoaõrã alguma couza e se morrer aqui serã em serviço de deus e todo esto que levais parti entre vós otros / e entaõ se foi metter no palanque com aquelles cavalleiros e ajudava os mui bem e alli se defenderaõ por grande espaço dando e recebendo muntas feridas e asi eraõ afincados dos moros que hum naõ podia dar fee do que otro fazia que cada hum tinha assas que fazer em defender ho luguar / em fim foi o palanque roto e entrado por força e os Chrisptaons postos em maior preça e desfalecendolhes a virtude e naõ podendo mais fazer acabaraõ alli sete sua postrimeira ventura porem naõ ouveraõ os moros o milhor sem lhes custar mui caro porque assas de matança fizeraõ em elles antes que lhes falheçeçe a força.

5

6

7

8

[VI]

### DE COMO O MESTRE ACUDIO AQUELLES CAVALLEIROS, E PELLEYOU E TOMOU TAVIRA E OS DESBARATOU.

Emquanto os crisptaons pelleyaraõ chegou recado ao mestre a caçella onde estava e cavalgou logo com suas gentes o mais apressadamente que pode por lhes acorrer porque bem sabia que otra mingoa naõ havia de

1



passar por elles senão vencer ou morrer / e trouçe o caminho que elles 2  
 trouçeraõ e entrou pella porta da villa e passou pella praça sem nenhuma  
 contradicão e tam cizo hia por lhes socorrer que não ouve sentido de tomar 3  
 a villa que bem podera tomar se quisesse / e quando chegou as antas e vio  
 os cavalleiros mortos começo com os moros mui dura pelleya e morreo 4  
 tanta gente delles que ainda hoje em dia jaz alli a ossada delles e desde que  
 os venceo seguio ho alcance fazendo grande estrago em elles / os moros 5  
 que estavaõ na villa quando ho mestre por ella passou foraõ espantados de  
 sua vinda e não cuidaraõ que o mestre sabia disto parte e mui a preça 6  
 cerraraõ as portas temendoçe do que depois se seguio e quando os viraõ  
 asi vir fugindo não lhes ouzaraõ abrir as portas e sahiraõ para os recolher  
 dentro e abiraõlhes huma porta escuza que está escontra a moraria e os 7  
 Chrisptaons deraõ alli com elles e não havendo em si acordo de se defender  
 entrou o mestre com elles de volta e cobrou a villa e apoderou se della  
 e foi estranha a mortandade que o mestre e os seos fizeraõ em os moros,  
 e tambem nos da villa como nos que morreraõ fóra / e não consta se o 5  
 Abem Fabilla moro senhor deste luguar foi em esta batalha e morreo em  
 ella ou se ficou no luguar e o que se fez delle. / foi esta batalha e os 6  
 moros mortos em Tavira ganhada aos moros aos onse dias de junho por  
 dia de saõ Barnabé na era de mil e duzentos e quarenta e dois annos / e 7  
 tomada a villa a deichou o mestre segura e tornou com munta gente as  
 antas onde jaziaõ os cavalleiros mortos e com grandes gemidos e dor os  
 tiraraõ dantre os moros que jaziaõ os corpos delles lançados no sangue  
 com as espadas nuas e troucheraõnos á Villa e fizeraõ na mesquita mor  
 Igreja de Santa Maria e mandou o mestre fazer hum moymento em que  
 poz sete escudos com as vieiras do Senhor Santiago e alli foraõ sobterrados  
 todos seis e o mercador com elles os nomes dos quaes saõ os que se  
 seguem dom Pero Paes commendador mor Mem do Valle, Damião Vaz Alvaro  
 Gracia Estevaõ Vaz Vallerio de Ossa e o mercador Gracia Rodriguez cujos  
 corpos foraõ depois tidos em grande reliquia e reverencia e devoçãõ como  
 a martyres que espargeraõ seo sangue por honrra da fee de Jezus Christo.

[VII]

**COMO O MESTRE SE LANÇO SOBRE SILVES EM QUANTO  
 SEO REY ALAMAFOM ERA FORA, E COMO PELLEYOU  
 COM ELLE E LHE TOMOU HO LUGUAR.**

Por esta guiza que haveis ouvido aprouve a Deus de dar a villa de 1  
 tavira em poder aos Chrisptaons, e depois que a deichou o mestre segura  
 de todo o que lhe cumpria foi a sellir e tomou o por força / e entãõ foi 2  
 cercar paderna que he hum castello forte e mui bom de graõ comarca em  
 de redor entre albofeira e a serra e estando sobre elle mandou gente ao  
 termo de silves que foçem tomar a torre de estombar que dantes fora sua 3  
 e foraõ lá e ouveraõ na outra vez / e quando alamafom seu Rey delles que  
 estava em Silves sobe como aquellas conpanhas alli eraõ sahio a elles do



luguar com a mais conpanha que pode porque lhe diçeraõ que estava alli o  
 mestre com todo o seu poder e ho mestre como sobe que era fóra alçouçe  
 loguo desobre paderna e vehioçe lançar sobre silves. / alamafom indo para 4  
 a torre de estombar achou novas que naõ era alli ho mestre e que naõ  
 estava alli mais gente que aquella que tomara a torre e a defendiaõ porém  
 quis lá chegar e loguo mui á preça se tornou para a villa e loguo se temeo 5  
 do que era / e ho mestre lançou lhe huma sillada que lhe tinha já tomado  
 as portas e as gentes repartidas por ellas e ElRey alamafom quando isto vio  
 querendo entrar por força por a porta que chamaõ de Zoya porque era luguar 6  
 dezembarguado encontrouce alli com ho mestre que tinha a guarda della /  
 e ellRey moro vinha com todos os seus juntos e alli se vio ho mestre com  
 grande trabalho com elles e foi a pelleya com elles em hum campo fora  
 junto com a villa honde hora está uma igreja que se chama sancta Maria 7  
 dos martyres e os moros fizeraõ muito por cobrar a porta e se metterãõ  
 sobre a torre da Zoya porque he bem sahida e marcos para fora / mais isto  
 naõ lhe prestou nada porque os Chrisptaons andavaõ em volta com elles e  
 assi entraraõ com elles pella porta da villa e alli foi a pelleya tão grande 8  
 em guiza que mais Chrisptaons morreraõ alli que em otro luguar que se no  
 Algarve tomaçe / e EllRey moro andou pella villa em rededor e quizeraçe  
 acolher pello postigo da treiaçaõ a hum alcarcere em que elle morava e achou  
 o postigo embargado foi para se acolher por otra porta da villa e achou a  
 cerrada e entaõ de dezesperaçãõ deo de esporas ao cavallo e fugio e passando  
 por hum pego afogouçe ali e o acharaõ despois morto e agora chamaõ 9  
 áquelle luguar o pego de alamafom; / dos moros que ficaraõ ao alcarcere  
 e o trabalharaõ de ho defender quanto podiaõ e ho mestre naõ o quis  
 combater que segurouos que viessem à villa se quizessem e aproveitacem  
 suas herdades e lhe conhecessem aquelle senhorio que conheciaõ ao Rey 10  
 moro / e asi fez aos otros lugares que tomou e naõ combatiaõ os alcarceres  
 em que se os moros recolhiaõ mas seguravaos a que viveçem nas terras  
 por serem aquellas aproveitadas e despois foi alli edificada huma igreja 11  
 cathedral e foi feita a cidade / entaõ se tornou ho mestre a paderna que  
 antes tivera cercada e tomou a villa e o castello por força e naõ se pleytearaõ  
 com elles matando os moros por dous cavalleyros freyres que ahi mataraõ  
 esta villa de paderna se mudou naquelle luguar que agora chamaõ albufeira  
 porém ainda a otra está morada e corrigida com seu castello e huma cisterna  
 mui boa dentro.

#### [VIII]

#### COMO A RAINHA DONA BEATRIX FOI COM SEU PADRE A TOLLEDO, E COMO ELLE LHE OTORGOU TUDO O QUE LHE REQUEREO POR MANDADO DE SEO MARIDO ELLREY DOM AFOMSO DE PORTUGUALL.

Quando ho mestre dom Payo Correa ouve ganhaças estas villas e 1  
 lugares no Alguarve que eraõ da conquista de EllRey de Castella cuidou



ElRey dom Afonso que era bem de mandar pedir aquella terra a seo sogro  
que lha deçe por conquista / e entaõ enviou llá a Raynha sua mulher e 2  
ella foi a tolledo a honde seu padre estava e diçelhe como seu marido lhe  
enviava pedir por mercê lhe deçe a conquista da terra do alguarve e aquelles  
logares que tomados eraõ para seos netos porque ElRey tinha a terra mui 3  
pequena / e ElRey seo padre folgou muito disto e deu lhe entaõ carta de  
doaçã e otras cartas para ho mestre dom payo correa e para alguns otros  
cavalleiros que com elle andavaõ e entaõ que ElRey Dom afonso recebeu  
estas cartas de seo sogro que lhe a Raynha sua mulher trouçe mandou 4  
loguo aparelhar suas gentes e foixe loguo á graõ preça ao alguarve / e foi  
por beja e dahi a almodovar do Campo de ourique e passou a serra pellas  
corticadas e encaminhou direito a faraõ do senhorio de miramolim Rey de  
marrocos e tinha a villa por elle hum alcaide que avia nome aloandre e estava  
ahi hum almoxarife de ElRey que avia nome alcabraraõ, e estes aviaõ grande  
corrimento de gentes e mantimentos porque de dentro do alcarcere estava  
huma fusta por hum arco grande que hera feito no muro e tiravaõ aquella  
fusta cada vez que queriaõ e mandavaõ com recado a seu Rey miramolim  
e traziaõ em ella gentes e todas couzas que haviaõ mister / e porque ho 5  
luguar era bem fortalecido d armas e de todo o que lhe cumpria estavaõ  
os moros muy esforçados em maneira que prezavaõ muy pouco os  
Chrisptaons. / quando ho mestre dom payo correa que era vassallo de 6  
ElRey dom afonso soube que hia llá foiho aguardar entre loulé e almodovar  
e na villa de sellir e alli se vio ElRey com elle e as gentes todas juntas  
foraõ cercar faraõ e puzeraõ ho arrayal sobre elle e repartiraõ seos combates  
desta maneira ho combate de ElRey dom afonso foi no castello e hum lanço  
da villa athe huma porta que ora chamamos das freiras e ho combate do  
mestre deste lanço athe a porta da villa e mandou ElRey hum rico homem  
que avia nome dom pero esqrenho em otro lanço do muro athé huma torre  
que despois chamaraõ de joão de boim e este Joaõ de boim tinha otro  
lanço da torre que despois chamaraõ do seo nome até o combate do 7  
alcarce de ElRey / afora estas capitancias eraõ ahi otros com elles convem  
a saber Dom fernaõ loppes pryor do hospital e ho mestre de aviz e o  
Chancellor mor dom Joaõ de unhaõ e mem Soares a joaõ soares e egas  
lourenço / e por esta guiza tinha ElRey combatida a villa mui fortemente 8  
de dia e de noite e mui poucas vezes lhe davaõ luguar e tomoulhe ElRey  
o mar com a frota e atraveçoulhe no canal do rio navios grosos muy bem  
armados e ancorados da parte de fóra excantra o mar porque se algumas  
gallés de moros vieçem que lhe naõ podessem fazer nojo e lhes foçe  
embargada a parte do rio e asi ficou o luguar todo cercado ao rededor / 9  
quando os moros viraõ que o porto do mar asi hera tomado e que ElRey  
asy os afincava tanto de cada parte posto que bem se defendessem  
entenderaõ que despois lhes naõ avia prestar nada e andando na avença  
fallou ElRey hum dia com o alcaide aloandre e com ho almoxariffe alcabraraõ  
que eraõ os maiores do luguar como ja vos diçemos / e foi ElRey com elles 10  
fallando até que se acolheraõ dentro no alcarcere e levando os que quiz  
que seriaõ até des cavalleiros e ho castello foi livre dos moros e buscado  
todo por os cavalheiros de ElRey e naõ ficou com elles gente nenhuma  
salvo estes dous moros que dito havemos / e isto naõ fes ElRey saber ao 11  
mestre nem aos otros que tinhaõ os combates e naõ sabendo disto parte  
foi ElRey achado menos e hovera de ser grande mal e por ElRey naõ faltar



do que tinha prometido foraõ novas ao mestre e a otros filhos d algo do arrayal que cuidaraõ que os moros do castello tinhaõ feito algum dano a EllRey e que o mataraõ ou o prenderaõ e por isto allevantaraõ hum ruido taõ grande que por força e a mal de seu grado os moros naõ lhes prestando ceptas nem pedras os Chrisptaons passaraõ a cava e a barra e ajuntaraõçe com hum muro / e a gente do mestre carretava lennha a porta da villa para lhe porem o fogo e por esta razaõ padeceriaõ muntos dos Chrisptaons e quando EllRey vio aquelle ruido maravilhou çe muito do que podia ser e como sabe o que hera saltou em cima de huma torre e mostrou as chaves na maõ que já tinha do castello e mandou dizer ao mestre e aos otros que estivessem quedos e se arastagem fóra e que já era em avença com os moros e que naõ tirassemos de fóra / o moro Alcabrarom sahio fóra do castello e entaõ mandou EllRey deitar pregaõ pello Arrayal que ninguem fizeçe nojo a moro ainda que andaçe fóra antre elles nem entraçem pellas portas da villa ainda que abertas as achaçem salvo ho mestre e os otros cappitains que entraçem dentro com aquelles que quizeçem e estiveçem sobre as portas do combate que cada hum tinha. / e a avença que EllRey fez com os moros foi por esta guiza que elles lhe fizeçem aquelle mesmo foro que em todas as couzas faziaõ ao seo Rey e que elles houveçem todas as suas cazas, vinhas e herdades pella guiza e que EllRey os defendeçe e amparaçe asi dos moros como de otras quaesquer gentes que lhes nojo fizesem e os que quizeçem hir para alguns lugares de moros que se foçem livremente com todas as couzas e que os cavalleiros moros ficaçem por seus vaçallos e que andaçem com EllRey quando lhe cumprice e elle que lhes fizeçe bem e merces por esta guiza houve EllRey a villa de faraõ no mês de Janeiro da hera de mil e duzentos e trinta e outo annos.

## [IX]

### COMO O MESTRE DOM PAYO CORREA GANHOU LOULÉ E ALIEZUR.

Despois que EllRey tomou a villa de faraõ logo dahi a poucos dias partio ho mestre com sua companha e foiçe lançar sobre loule e naõ esteve o cerquo munto sobre elle que loguo o naõ tomaçem e porque ho Mestre corria alguma gente nas pelleyas e combates das villas dicelhe hum dia EllRey fallando com elle: mestre muito me peza por os cavalleiros que vos morreraõ na conquista destes luguares porque eraõ todos mui estremados homens. Senhor diçe o mestre naõ tomeis nojo por os mortos porque morrerão no serviço de Deus e salvaçaõ de suas almas. / e loguo o mestre partio de Loule e foyçe lançar sobre Aljesur e quando os moros soberaõ que faraõ e loule e os otros luquares eraõ tomados e deramçe loguo ao mestre com a condiçaõ que se deu faraõ e o Mestre por ho cançasso que havia recebido elle e suas gentes nos otros luguares aprouvelhe com esto e de se tomar loguo aljesur como vos dito avemos e deos lhe deu todos estes vencimentos porque sabia quaõ de vontade ho Mestre hera no seu santo serviço.



### 3. — ANOTAÇÕES

**I, 1. — ho ynfante dom denis que nasceo em Lisboa dia de S. denis aos vjnte de outubro era de mill e duzemos e noventa e nove annos.** Parece que há uma confusão nestas palavras: se D. Dinis nasceu no dia do seu santo onomástico foi a 9 de Outubro; se a 20 de Outubro não foi em dia de S. Dinis. O seu nome indica que deve ter vindo ao mundo a 9 de Outubro.

**I, 1. — ho ynfante dom afonso que foi mui bom ynfante.** Trato deste homem em passos do capítulo ??, assim como das infantas a seguir mencionadas.

**I, 2. — e ho mestre dom payo correa era seo (de D. Afonso III) compadre e seo naturall:** eram compatriotas e compatriotas (de que maneira?).

**I, 2. — segundo ho achamos escripto.** Já disse que não sei a que textos anteriores se referem estas palavras; o mesmo se poderá dizer dos que foram omissos de certas informações de que o autor da *Crónica* necessitou em III, 3.

**I, 3. — ellRey de Castella tomou sevilha aos moros em 1248.**

**I, 3. — depois da tomada de sevilha viveo pouquo tempo ellRey dom fernando:** faleceu quatro anos depois, em 1252.

**I, 4. — terra de lusitania que era conquista de portugall.** Trata-se das regiões a norte do Algarve, mais precisamente entre Tejo e Algarve.

**I, 5. — auzultrell que he em campo de ourique.** A vila de Aljustrel está ao norte de Ourique cerca de 30 km e os chamados Campos de Ourique são as terras compreendidas entre esta vila e o Algarve.

**I, 5. — a grande passagem da serra do Caldeirão,** aquela que os cavaleiros, e depois D. Paio, utilizaram quando saíram de Aljustrel a caminho de Estômbar, passando por Ourique.

**I, 5. — Devia ser moçárabe** aquele Garcia Rodrigues (vj. II, 6; V, 6; VI, 7).



**I, 5.** — (os reis mouros do Algarve) **eraõ em grande desvairo huns com otros** (vj. II, 3). Como se sabe, as relações entre os chefes muçulmanos do Algarve muitas vezes não eram boas.

**I, 6.** — **passaraõ a serra pella torre de orique**, decerto a passagem da serra que servia directamente Ourique. E porquê **Torre**?

**I, 6.** — **chegou à Torre que os seos já tinhaõ tomada**. Caso de acordo do participio passado.

**I, 6.** — **hum luguar a que chamaõ alvor que he antre silves e lagos**, mas muito mais próximo de Lagos que de Silves.

**I, 6.** — **e destes dous luguares**, isto é, de Estômbar e de Alvor (vj. II, 2).

**II, 1.** — **algun luguar mais fora do Reyno** (do Algarve), menos central, mais próximo das fronteiras; vj. mais adiante: **tavira hera lugar mais fóra do Reyno**.

**II, 1.** — **a terra era mais povoada contra o Cabo de S. Vicente**. Se o autor da **Coroniqua** não se (ou nos) engana neste ponto, há nas suas palavras uma boa informação sobre a distribuição demográfica no Algarve muçulmano nos meados do séc. XIII.

**II, 5.** — **hum luguar onde chamaõ o desbaratto contra a serra**. Hoje há dois locais com este nome: um no concelho de Tavira; outro no de Alportel, na freg. de S. Brás. Deve tratar-se do segundo.

**III, 1.** — **em hum valle escuro**, lapso por **escuso**? Vj. **porta escuza** em VI, 4.

**III, 2.** — **hum luguar que dizem foradoiro**, de que não tenho qualquer notícia actual; aquele estava situado na região de Tavira.

**III, 3.** — **não ho achamos escripto**. Outra referência do autor desta Crónica ao uso de textos (vj. I, 2).

**IV, 3.** — **por onde chamaõ o almargem**. Talvez se trate do lugar ainda hoje assim chamado em Tavira, freg. de Santa Maria do Castelo; na da Conceição corre ribeiro também com este nome, o qual desagua no canal de Tavira.

**IV, 3.** — **porque a deichava no monte donde hera e hora he castro marim**. Notar que este top. já existia em 1288 (em **Descobrimientos Portugueses**, ordenação do Dr. João Martins da Silva Marques, I, Supl., p. 273). Isto fez-me supor que a personalidade que o originou teria vivido o mais tardar nos meados do séc. XIII (vj.: **O Correio do Sul** de 21-VIII-1975).

**IV, 3.** — **que passaçem pella ribeira**. Talvez se trate do ribeiro a que se aludiu na nota sobre Almargem (IV, 3).



IV, 3. — monte alto que esta cerca de tavira que hora chamaõ o cabeço do mestre. Segundo creio, hoje já não existe este top.

V, 1. — o tempo do peliacill. Este último vocábulo é controverso; vj. D. E. P.<sup>2</sup>, s. v. alacil. Verifica-se agora que o lapso (se há lapso) quanto à forma desta palavra não é do Eluc., como ali digo, mas do texto utilizado.

V, 1. — athé saõ miguel de setembro, que se festeja a 29 deste mês.

V, 2. — as antas termo de tavira que heraõ dalli (do Cabeço do Mestre) a tres leguoas. Mais, adiante, V. 4: chegaraõ as antas huma legua de tavira acerqua da ribeira. Creio que este top. Antas já não existe naquela região.

V, 4. — e passaraõ pella ponte: sobre o Gilão?

V, 4. — Antas. Vj. antes V, 2.

V, 6. — o mercador que ante dicemos, isto é, Garcia Rodrigues, como já se esclareceu (vj. I, 5).

VI, 3. — ainda hoje em dia jaz alli (nas Antas) a ossada dos mouros mortos em combate por D. Paio e seus companheiros.

VI, 4. — abriãõ lhes huma porta escuza (de Tavira) que esta escontra a moraria. Este bairro, se conseguiu subsistir alguns séculos, também não deve ter resistido ao terremoto de 1755.

VI, 6. — Tavira ganhada aos moros aos onze dias de junho por dia de saõ Barnabe na era de mil e duzentos e quarenta e dois annos. A festa de S. Barnabé observa-se realmente a 11-V, mas há lapso evidente na indicação do ano, pois a era de 1242 corresponde a 1204. A conquista de Tavira verificou-se a 11-VI-1242; quer isto dizer que o copista utilizou a era de César, pois esta é a utilizada noutros passos. Em Reis<sup>5</sup> (p. 211) lê-se: tauilla ganhada noue dias de julho era de mil duzentos e outo annos, o que é diferente e inverosímil. Reis<sup>7</sup> apresenta-nos esse passo na seguinte forma: Taujra ganhada X di (sic) de julho. Era de MCCLXXX annos (vol. I, p. 267).

VI, 7. — e fizeraõ na mesquita mor igreja de Santa Maria, esta, no dizer de Américo Costa (Dic. Corogr., XI, p. 619), «o mais antigo edificio religioso de Tavira», tendo-se tornado sede de uma paróquia consagrada a Nossa Senhora dos Mártires. Notar que esta invocação também a temos em Silves (vj. VII, 6) e Castro Marim, pelo menos. Sobre a devoção dos homens mortos nesta empresa de D. Paio lê-se mais adiante: cujos corpos foraõ despois tidos em grande reliquia reverencia e devoção, como os martyres que espargeraõ seo sangue por honrra da fee de Jezus Christo.

VII, 2. — foi cercar paderna que he hum castello forte e mui bom de graõ comarca em deredor entre albofeira e a serra. Notar que na Crónica



se escreve sempre **Paderna**, a actual **Paderne** (1). Notar que em 1716 o **Sanctuario Mariano** sentenciava a respeito desta localidade: «o lugar de Paderna, a que outros erradamente chamam Paderne por outro título (sem dúvida) semelhante que tem um lugar no entre Douro e Minho, em o Arcebispado de Braga» (cit. por A. Costa, **Dic. Corogr.**, VIII, p. 974 a). É no concelho de Melgaço, mas há outro no de Santo Tirso. O depoimento da **Crónica** é importante para a história da região.

**VII, 2.** — mandou gente ao termo de silves que foçem tomar a torre de estombar, hoje no concelho de Lagoa.

**VII, 5.** — a porta (de Silves) que chamaõ de Zoya; **VII, 6.** — e se metterãõ sobre a torre da Zoya porque he bem sahida e marcos para fora. A denominação desapareceu pelo que não sei localizar esta porta.

**VII, 6.** — em hum campo fora junto com a villa honde hora está uma igreja que se chama sancta Maria dos martyres. Bastante alterada naturalmente, esta encontra-se hoje na parte ocidental da cidade, se a sua localização corresponde à do séc. XIII. Sobre a invocação vj. VI, 7.

**VII, 8.** — deo de esporas ao cavallo e fugio e passando por hum pego afogouçe ali e o acharãõ despois morto e agora chamaõ aquelle lugar o pego de alamafom. Aqueles factos só se conhecem por este texto, o único depoimento também da existência deste top. (hoje desconhecido). O antr. **Alamafom** deve corresponder a Ibne Mahfot, o chefe muçulmano governador de Silves na data da conquista desta cidade pelos Cristãos. Mahfot é o ár. **mahfoZ**, (2) «protegido (de Deus)».

**VII, 10.** — e despo's foi alli edificada huma igreja cathedral, com a invocação de Santa Maria.

**VII, 11.** — esta villa de paderna se mudou naquelle luguar que agora chamaõ albufeira porem ainda a otra está murada e corrigida com seu castello e huma cisterna mui boa dentro. Hoje a distância entre Paderne e Albufeira é cerca de 12 km, pelo que não parece crível a «mudança» noticiada neste passo da **Crónica**. Ataíde de Oliveira, como julgo, não alude a tal questão na **Monografia de Paderna ou Paderne**.

No caso de naquelas palavras haver qualquer fundamento, talvez diga respeito a alguns habitantes da primeira dessas povoações que eventualmente se tenha transferido para a outra. Notar que «porem ainda (h) a otra: esta murada...» Esta será, como creio, a que se conservou no seu lugar, numa palavra, a actual. O seu castelo encontra-se a cerca de 2 km de distância.

**VIII, 1.** — estas villas e luguares no Algarve que eraõ da conquista de ElRey de Castella, ao contrário da «terra de lusitania que era conquista de portugall» (1, 4). Foi aquela circunstância que motivou tantas disputas e tantas conversações entre Portugueses e Castelhanos a respeito da posse do Algarve, em poder dos Mouros.

1. — Hoje **Paderna**, aliás **Monte da Paderna**, é lugar no conc. de Odemira.

2. — É a 17.ª letra do alfabeto arábico que alguns dialectos do Andaluz pronunciavam como t; em **anadel** o -d- é o abrandamento desse som.



**VIII, 3.** — (Afonso X) deu lhe entãõ (a D. Beatriz) carta de doaçãõ e otras cartas para ho mestre dom Payo correa e para alguns otros cavalleiros que com elle andavaõ. Como já se disse, a carta de doaçãõ pode ser lida, por exemplo, na *Crónica de D. Afonso III* de Frei António Brandão, p. 356, ed. de 1946. Por outro lado, é neste passo que se mostra como D. Paio «e outros cavaleiros», então no Algerve, dependiam do monarca castelhano, pelo menos no que a essa região se referia. Quanto ao pormenor da carta ter sido «dada» a D. Beatriz, vj. o deixei escrito na cap.

**VIII, 4.** — foi por Beja e dahi a Almodovar do Campo de Ourique. Porquê este determinativo? Simples ênfase ou havia outra povoação também chamada Almodôvar?

**VIII, 6.** — huma porta (em Faro) que ora chamamos das Freiras. Creio não haver relação entre este nome e o actualmente usado em Faro para dois locais na freg. de S. Pedro. Vj. o meu *Ensaio sobre a Toponímia do Concelho de Faro* (separata dos *Anais dos Municipio de Faro*, 1976), s. v. Para mais em *Reis<sup>5</sup>* e *Reis<sup>7</sup>* é dos Freires.

**VIII, 8.** — e atraveçoullhe no canal do rio (de Faro) navios grosos. Informação curiosa sobre a ria de Faro na época da conquista da cidade (ou da redacção da *Crónica*): podiam aproximar-se dela «navios grossos», mesmo daquele tempo; por outro lado havia um «canal do rio», que não era rio.

**VIII, 11.** — foi EllRey achado menos, isto é, deram pela sua ausência.

**VIII, 14.** — E assim se verifica como foi possível evitar a emigração, ou a fuga, da população rural da área de Faro. Convém esclarecer que também aqui *Mouros* tem sentido lato, visto que os Cristãos daquela época assim denominavam indistintamente Muçulmanos e Moçárabes.

**VIII, 14.** — por esta guiza houve EllRey a villa de Faraõ no mes de Janeiro da hera de mil e duzentos e trinta e oito annos, data evidentemente errada, já que a conquista se verificou em 1249 e não em 1200 (1238 — 38 = 1200). Desta vez nem se trata de troca da era de César pela de Jesus Cristo, como em VI, 6, a respeito da conquista de Tavira.

**IX, 1.** — Depois que EllRey tomou a villa de Faraõ logo dahi a poucos dias partio ho Mestre com sua companha e foize sobre loule. A conquista de Loulé fez-se, portanto, depois da de Faro.



#### 4. — TÁBUA CRONOLÓGICA

1170. — Oficialização da Ordem de Santiago da Espada por Fernando II, rei de Leão.
1189. — D. Sancho I conquista Alvor e Silves.
1191. — Os Mouros reconquistam Silves.
1199. — Nasce Fernando III, o Santo, futuro rei de Castela e de Leão. Fins do sc. XII, início do XIII. — Nasce D. Paio Peres Correia.
1209. — Nasce D. Sancho II (7-1X).
1210. — Nasce D. Afonso III (5-V).
1217. — Ocupação definitiva de Alcácer do Sal que viria a ser o local da sede do ramo português da Ordem de Santiago da Espada, pelo que aos seus membros se chamava muitas vezes **Freires de Alcácer**. Fernando III, rei de Castela.
1221. — Nasce Afonso X de Castela, o Sábio (23-XI).
1223. — Morre D. Afonso II (25-III); D. Sancho II rei de Portugal.
1226. — D. Sancho II inicia a campanha do Alentejo.
1227. — O Futuro D. Afonso III parte para França.
1230. — Fernando III rei de Leão.  
Unem-se definitivamente as coroas de Castela e de Leão.
1234. — Conquista de Aljustrel por D. Sancho II.
1235. — D. Sancho II doa Aljustrel a D. Paio, comendador dos Espatários.
1238. — D. Sancho II conquista Mértola.  
O futuro Afonso III casa com D. Matilde, condessa de Bolonha, viúva de Filipe, o Crespo.



1239. — D. Sancho II conquista Cacela, logo perdida, Tavira e Alvor.
1242. — D. Paio conquista definitivamente Cacela, Castro Marim, Silves, Tavira (11-VI); passa a chefiar a Ordem de Santiago em Castela como Mestre de Uclés, retirando-se para aquele país.
1243. — Apresentação de queixas ao papa Inocência IV sobre a anarquia então reinante em Portugal.  
D. Paio conquista Estômbar.
- 1244 ? . — Nasce D. Beatriz, futura esposa de D. Afonso III.
1245. — Pacto de Paris entre o infante D. Afonso e os bispos portugueses; em consequência disso, no Concílio de Lião o papa substitui na monarquia portuguesa D. Sancho II por D. Afonso (25-VII), que oficialmente toma a regência do País.
1246. — O Conde Afonso de Bolonha está em Portugal.
1248. — Morte de D. Sancho II (4-I); o infante D. Afonso torna-se rei de Portugal.  
Fernando III conquista Sevilha aos Mouros.  
D. Paio conquista Paderne.
1249. — Conquista de Faro, Albufeira e Loulé por D. Afonso III.
1250. — Trégua entre Portugal e Castela nas dissensões devidas à posse das terras do Algarve.  
Conquista definitiva de Alvor.
1252. — Guerra entre Portugal e Castela.  
Morre Fernando III de Castela, o Santo (30-V).
1253. — Tratado de paz entre Portugal e Castela.  
D. Afonso III casa com D. Beatriz.
1254. — Depovoamento de Beja.  
Foral de Mértola.
1256. — Em carta escrita de Arévalo (Julho), D. Paio Peres Correia refere-se a D. Afonso III nestes termos: «nuestro señor el Rey de Portugal...»
1257. — Nasce Sancho IV de Castela.
1259. — Nasce a infanta D. Branca.
1260. — Nasce o infante D. Fernando.
1261. — Nasce D. Dinis (9-X ?).



1262. — Morre D. Matilde, condessa de Bolonha e primeira esposa de D. Afonso III.  
Revalidação do casamento de Afonso III com D. Beatriz.  
Morre o infante D. Fernando.
1263. — Acordo entre Portugal e Castela sobre a posse definitiva do Algarve.  
Bula de Urbano IV para que D. Afonso III e D. Beatriz pudessem viver maritalmente.  
Nasce o infante D. Afonso.
1264. — Nasce a infanta D. Sancha (2-II).
1265. — D. Paio encontra-se na corte de Portugal.
1266. — D. Afonso III dá foral a Silves.
1267. — Tratado de Badajoz (16-II).
1269. — Fim da dinastia dos Almóadas.
1271. — Dúvidas de D. Afonso III quanto às possessões da Ordem de Santiago no Algarve.
1275. — Morre D. Paio Peres Correia (10-II). Jaz na igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira.
1277. — D. Afonso III concede aos mouros do Algarve um aforamento de carácter não hereditário.  
O mesmo rei dá foral a Castro Marim.
1279. — Morre D. Afonso III (16-II); sobe ao trono português D. Dinis.  
A rainha regressa a Castela.
1284. — Morre Afonso X de Castela (4-IV); Sancho IV é rei de Castela.
1285. — D. Beatriz, viúva de D. Afonso III, está de novo em Portugal.
1287. — Convenção de Badajoz que pôs fim à agitação militar e política provocada pelo infante D. Afonso (13-XII).
1288. — Bula *Pastoralis officii* de Nicolau IV (confirmada em 1290) que permitia aos comendadores e cavaleiros portugueses de Santiago o elegerem para seu mestre provincial um freire, preferivelmente natural dos reinos de Portugal e do Algarve (17-IX).
1290. — O ramo português da ordem de Santiago da Espada separa-se do de Castela (vj. 1320).
1291. — Nasce D. Afonso IV (8-II).



1295. — Morre Sancho IV de Castela (25-IV).
1300. — Morre D. Beatriz, viúva de D. Afonso III (7-VIII).  
D. Dinis reedifica o castelo de Alvor.
1302. — Morre D. Beatriz, viúva de D. Afonso III (7-VIII).  
D. Dinis reedifica o castelo de Alvor.
1302. — Morre a infanta D. Sancha.
1309. — Casamento do futuro D. Afonso IV com D. Beatriz, filha de Sancho IV de Castela e da rainha D. Maria (12-IX).
1312. — Morre o infante D. Afonso.
1315. — Fundação da Ordem de Cristo.
1320. — Confirmação da independência do ramo português, em relação ao castelhano, da ordem de Santiago da Espada pelo rei D. Dinis e pelo papa João XXII (vj. 1290).
1321. — Morre a infanta D. Branca.
1322. — Paz entre D. Dinis e o príncipe herdeiro.
1323. — Recontro de Alvalade.
1325. — Morte de D. Dinis (7-I); sobe ao trono D. Afonso IV.
1328. — Casamento de D. Maria de Portugal, filha de D. Afonso IV, com Afonso XI de Castela.
1335. — Guerra com Castela.
1339. — Assinatura do tratado de paz em Sevilha (10-VII).
1340. — Batalha do Salado (30-X).
1344. — **Segunda Crónica Geral** de D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis.
1357. — Morte de D. Afonso IV (28-V).



## 5. — COMENTARIOS

Esta crónica pretende dizer brevemente como se fez a conquista de Faro e de outros lugares algarvios «segundo achamos escrito» (I, 2) (1), porque a **Coronica de espanha** «não diz como nem per que guisa» isso se verificou.

Saliente-se o confessado aproveitamento de materiais escritos anteriores, hoje, como julgo, difíceis de identificar.

Os progressos das tropas de D. Paio estão apresentados como se tivessem acontecido em rápida sucessão, com intervalos muito estreitos, quando, na verdade, entre alguns deles decorreram vários anos. Disto se trata com algum desenvolvimento no final deste capítulo.

(Está aí uma das principais causas da tábua cronológica integrada nestas páginas).

Isso poderá resultar de redacção bastante posterior a esses acontecimentos, de fontes de informação escassas e de conteúdo pouco claro, do desejo de fazer crer que a acção de D. Paio na conquista do Algarve fora bem planeada, eficiente, decisiva e rápida. Creio também que, para além da informação histórica, o coordenador teria, entre outros objectivos, exaltar a figura de D. Paio Peres Correia, a ordem religiosa a que este pertencia, a acção castelhana, mas, por outro lado, reduzir o papel de D. Afonso III nas operações da conquista do Algarve e de D. Dinis como político, contrário ao partido de sua mãe e de seu irmão D. Afonso e mesmo da atitude que, segundo parece, tomou para com a mesma ordem religiosa.

Logo à primeira vista torna-se bem evidente o facto de em 9 capítulos só um se ocupar do **Bolonhês**, na conquista de Faro, quando, segundo a **Coronica**, o território algarvio em grande parte já estava sob o domínio do próprio D. Paio e a restante sob a ameaça das suas hostes. O autor do texto não se esqueceu de fazer crer que, mesmo nessa operação, iniciada pelo Comendador de Santiago, D. Afonso III não prescindiu do seu auxílio e das tropas que este comandava; até como que acusa o mesmo rei de negociar com os Mouros sem disso ter dado previamente conhecimento «ao mestre nem aos otros que tinhaõ combates (VIII, 11), apesar deste ser «seo compadre e seo natural» (I, 2). Não se esquecerá, porém, de ir ao encontro do monarca, ao saber da sua viagem para o Algarve, pois «era vassallo de ElRey dom Afonso». Aguardou-o «entre loule e almodovar» (VIII, 6).

1 — Vj. também III, 3.



O cronista anónimo assina'ou com relevo as negociações secretas de D. Afonso III com os Mouros de Faro, mas esqueceu totalmente as difíceis, numerosas e prolongadas negociações havidas entre os soberanos português e castelhano a respeito da posse do Algarve (ver *Cronologia*), para atribuir decisiva importância a uma eventual diligência de D. Beatriz por determinação do marido (<sup>2</sup>), que a fez deslocar-se a Toledo e aqui convencer o Sábio Afonso X, seu pai, a ceder aquela região «pera seos netos, porque ElRey (de Portugal) tinha a terra mui pequena» (VIII, 2).

«E ElRey seo padre folgou muito disto e deu lhe então carta de doação e outras cartas para ho mestre dom Payo correa e para alguns otros cavalleiros que comelle andavaõ» (VIII, 3).

E assim o Bolonhês apossava-se do Algarve graças sobretudo à acção de D. Paio Peres Correia e à diplomacia de D. Beatriz (<sup>3</sup>), ao passo que a intervenção directa do monarca, além da referida incumbência conjugal, se traduzia em passeio militar até Faro, bem acompanhado, bem seguro, com triunfo fácil, com um acto de diplomacia sem a intervenção daquele que tanto fizera pela causa cristã. Ainda por cima parece que o monarca não escondeu (por volta de 1271) dúvidas quanto à legitimidade pelo menos de algumas das possessões da Ordem de Santiago naquela futura província portuguesa. Talvez a isso se ligue a renúncia de D. Paio Correia (em 7-1-1272) a Tavira, Caceia e Castro Marim.

Este «esquecimento» da diplomacia e da firmeza de D. Afonso III perante o sogro a respeito do problema algarvio e a saliência do papel de D. Beatriz nessa questão (se é que realmente lhe foi distribuído e ela o desempenhou) têm, como julgo, ligação com uma pequena frase das primeiras linhas deste texto medieval: «e ho ymfante dom afonso que foi mui bom ymfante».

Ora este «mui bom ymfante» foi, dos quatro (<sup>4</sup>) havidos por D. Beatriz, o único filho varão que nasceu (em 1263) depois do falecimento da condessa D. Matilde de Bolonha (em 1262) (<sup>5</sup>) e, como tal, considerado o único legítimo herdeiro do trono português, por si e por alguns mais, incluindo a própria mãe (<sup>6</sup>). Daí esta encabeçar o partido dos que não aceitavam a realza de D. Dinis, julgado produto de amancebamento, porque veio ao mundo (em 1261) com a primeira mulher do seu progenitor ainda viva. A *Crónica* até assinala essa data com relevo.

Para mais, quando nasceu, o Reino, por causa daquela situação dos pais, estava sujeito à pena de interdito, imposta pelo papa Alexandre IV, a instâncias da desprezada condessa de Bolonha.

No entanto, as pretensões do moço não alcançaram êxito, o que não

2 — Na carta de entrega do Algarve ao nosso Afonso pelo homónimo de Castela não se faz qualquer referência à intervenção de D. Beatriz, facto para estranhar sobretudo por se tratar da rainha de Portugal e sua filha. Vj. o texto dessa carta em Frei António Brandão, *Crónica de D. Afonso III*, p. 256, ed. de 1946. Está datada de Sevilha e foi escrita em 20-IX-1264.

3 — Anote-se a hipótese, também não documentada (como julgo), esquecida ou ignorada nesta *Crónica*, de o emissário ter sido o príncipe D. Dinis, então ainda criança (vj. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 1, p. 498 a).

4 — Podia ter escrito cinco, mas quero referir-me apenas aos que chegaram a adultos: D. Fernando morreu menino (1260-1262).

5 — D. Sancha, a que se alude na *Crónica* (I, 1), nasceu em 1264 e morreu em 1302.

6 — Infelizmente não consegui averiguar as datas exactas da morte de D. Matilde e do nascimento de D. Afonso. Sei que uma foi em 1262, o outro em 1263, mas, segundo creio, ainda não se procurou saber se a concepção do infante se teria verificado antes da primeira esposa de seu pai abandonar esta vida. Isto, parece-me, oferece certo interesse jurídico para mais justo julgamento da questão.

Ter-se-ia pensado nisso quando estalou a contestação?



o impediu de provocar aborrecimentos ao irmão, com desobediência e faltas de respeito, e ao tio Sancho IV de Castela. Quando aqui se estabeleceu, ligou-se a rebeldes turbulentos, forneceu tropas ao agitador Álvaro Nunes de Lara e, enquanto este devastava terras de Leão, D. Afonso, pelas fronteiras alentejanas, também incomodava o monarca castelhano (1286). Finalmente este e D. Dinis juntaram tropas e foram cercar o insensato em Arronches. As senhoras da família acorreram pressurosas a pedir paz para que nada de mal acontecesse ao menino (de 24 anos...) que, no entanto, conseguia fugir para Badajoz onde encontrou o acolhedor regaço da mãe e a ternura da irmã. Aí se assinou a convenção que punha fim àquelas loucuras. **Aquelas** porque depois ainda se meteu, pelo menos, noutra, esta relacionada com a política interna de Castela. Terminou com o cerco de Porta'egre, onde o infante se encontrava, quando decorria o ano de 1299.

Inveja do irmão, rei de Portugal, problemas em Castela, que o acolhera, envolver nesses problemas os monarcas dos dois países, provocar agitação social e política, esbanjamento de bens, perdas de vidas, tudo provocado por este homem, sempre, ou quase sempre, com a benevolência, e talvez a concordância (prévia?) da mãe: eis quem era o tal «bom ymfamte».

Além de menino mais novo, a simpatia maternal por ele dever-se-ia às atitudes tomadas (ou aconselhadas) contra o irmão e às deste contra a mãe ao assumir o governo do País. É que se constituira, quando D. Dinis subiu ao trono, uma espécie de conselho de regência, pelo que o novo monarca teria de partilhar o governo com D. Beatriz, aconselhados pelo bispo D. Durando de Évora, D. João de Aboim, que fora o mordomo-mor de D. Afonso III, e ainda Frei Afonso Peres Farinha. Tal comissão directiva teve existência breve, porque, para governar bem, o novo monarca, apesar dos seus 18 anos, não precisava de auxiliares: desembarçou-se deles, não se intimidando com a zanga da mãe que, ofendida, resolveu voltar para Castela (1279), onde já a vimos (7).

E porquê reflexos disto nesta Crónica de D. Paio?

Falecera este em 1275 e, segundo parece, logo começou a enfraquecer a unidade da Ordem de Santiago de que era Mestre, acentuando-se a cisão luso-castelhana, imposta pelas rivalidades nacionais e pelo abandono a que estavam votados os conventos portugueses, causa e consequência da decadência rápida por que a Ordem estava a passar em Portugal, sendo patentes, para mais, a má administração e a dissipação das suas riquezas (8). Daí a justificação das queixas dos espatários portugueses, ouvidas e compreendidas por D. Dinis, que aproveitou o ensejo para os separar do mestrado de Castela, o que, roubando-lhe a unidade, facilitou ainda mais a sua decadência. Diligências bem conduzidas na corte pontifícia deram em resultado a bula de Nicolau IV (17 de Setembro de 1288) (9) **Pastoralis officii** que determinava aos comendadores e cavaleiros portugueses de

7 — Em 1285 estava de novo em Portugal.

8 — Vj. Angelo Ribeiro, em *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, vol. II, p. 295 b.

9 — Segundo ainda Angelo Ribeiro (ob. cit., vol. e pág. cit.). Notar, porém, que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (XX, p. 584 a) menciona uma bula **Pastoralis officii** de Celestino V. dada em Aquila, a 17-IX-1294, dirigida a todos os comendadores e freires da Ordem Militar de Santiago em Portugal e Algarves, confirmando a do mesmo título, passado por Nicolau IV, em 15-V-1288, pela qual foi desobrigada a Ordem de Santiago em Portugal da sujeição à da Espanha (sic), permitindo a eleição de um provincial (sic) que administrasse os bens e as pessoas da ordem, tanto no foro espiritual como no temporal, ficando apenas sujeitos à visita e correcção do mestre de Castela.



Santiago a eleição para seu Mestre provincial um freire natural dos reinos de Portugal e Algarve.

Isto não agradou, naturalmente, ao partido de D. Beatriz e do «muy bom ymfante D. Afonso», assim como aos que pensavam em questão importante a que a **Coroniqua** alude vagamente à qual estava ligada a personalidade de D. Paio Peres Correia. Este cavaleiro, natural de Além-Douro, mestre geral da Ordem, desfrutava de grande prestígio em Castela, dispondo mesmo da consideração de Afonso X e do seu sucessor <sup>(10)</sup>. Ora «era alli com elle (Fernando III) naquelle cerquo (de Sevilha) este mestre dom payo correa trazendo consigo muintos e bons cavalleiros da ordem de santiago de Castella de que elle era mestre... reynando ainda seo irmão (de D. Afonso III) dom samcho capello, tres annos antes que elle foce dado por regedor de portugall, ajuntou ho mestre dom payo correa sua gente e entrou pella terra de lusitania que era conquista de portugall onde havia muitos lugares em poder de moros, e ganhou delles merthola e a torre que está da parte de foras daquella villa, e o dito rey dom samcho fes merce pellas aïmas de seu padre e madre e por serviço que lhe o dito mestre fizera» (I, 3 e 4).

Senão me engano, isto quer dizer que D. Paio entrou em terras da «conquista de Portugal» com tropas constituídas por freires do ramo castelhano da Ordem. Para mais conseguira do mesmo monarca um documento que confirmava a posse de territórios aquém-Guadiana, de Mértola à foz deste rio. E assim, graças ao rei castelhano e com tropas da mesma nacionalidade, D. Paio sentiu-se capaz de tomar iniciativas: apossou-se de Aljustrel, passou a serra, aproveitou o «grande desvaïro» entre os «reis» mouros do Algarve <sup>(11)</sup> (I, 5) para conquistar Estômbar e Alvor, concordou com a proposta dos muçulmanos locais para permutar terras com eles (II, 2), concedeu tréguas (V, 2), conquistou Tavira e Silves (VII), enfim agiu como um vice-rei, para não dizer como um rei.

Só então, «quando ho mestre dom Payo Correa ouve ganhadas estas villas e lugares no Alguarve que eraõ da conquista de EllRey de Castella, cuidou EllRey dom Afonso que era bem de mandar pedir aquella terra a seo sogro que lha deçe por conquista e entaõ enviou llá a Raynha sua mulher» (VIII, 1 e 2), como já se viu.

Deve ter havido consultas, combinações e cedências entre o nosso monarca e D. Paio e tanto assim que «quando ho mestre **Dom Payo Correia que era vassallo de EllRey dom Afonso** <sup>(12)</sup> que (este) hia allá foi ho aguardar...» (VIII, 6), como também já disse.

A quebra da unidade peninsular da Ordem de Santiago, cujo potencial ficara personificado nos feitos do falecido D. Paio, o auxílio castelhano em tropas com que este contara na sua larga extensa e duradoura acção, a alegada intervenção diplomática da castelhana D. Beatriz, as oposições vitoriosas aos actos do infante D. Afonso, tudo isto não agradara aos adversários do alegado «oportunismo» de D. Afonso III e da comprovada firmeza de D. Dinis. A propósito não esqueçamos que o Lavrador recebe

10 — Ainda Angelo Ribeiro, *ob. cit.*, págs. 254, 256 e 257.

11 — Como se esclarece no texto, graças às informações do «mercador» cristão Garcia Rodrigues (provavelmente um moçárabe) que percorria aquelas terras meridionais a fazer o seu negócio: realmente vemos-lo primeiro na «Lusitânia», depois em Paderne (II, 3) e em Tavira (V, 6).

12 — O itálico é meu.



frequentes e entusiásticos elogios na **Corónica de Espanha** (capítulos 719, 720 e 723), que a de **D. Payo**, segundo alega, pretende corrigir e completar.

Como parece agora evidente, a chamada **Crónica da Conquista do Algarve** é obra especial, feita com certos objectivos, mas não extracto de **Reis**<sup>5</sup>, como afirmou Lindley Sintra (**Crónica Geral de Espanha de 1344**, vol. I, p. CCCLII, nota 94). O seu hoje anónimo autor, ao escrevê-la, não podia ter diante dos seus olhos essa segunda obra histórica, embora se reconheça, que os dois textos, tal como os conhecemos hoje, são versões diferentes de um só original, com alterações (de redacção, de ortografia e de linguagem) bastante numerosas. Como isso pouco adiantaria ao que se pretende com estas páginas, parece não valer a pena perder agora e aqui tempo e espaço a assinalá-las miudamente. O mesmo se pode dizer em relação a **Reis**<sup>7</sup>, embora neste caso as alterações não pareçam tão abundantes.

O texto encontrado e reproduzido por Frei Joaquim de Santo Agostinho, mas cujo destino desconheço, talvez fosse o derradeiro exemplar de uma obra que se perdeu e cuja «personalidade» se integrou, com alterações, em **Reis**<sup>5</sup> e **Reis**<sup>7</sup>.

Será, portanto, anterior à organização destes monumentos históricos, mas posterior ao reinado de D. Dinis: refere-se duas vezes à **Coronica de Espanha** (I, 1; I, 3), o que, como muito bem sublinha o Prof. Doutor J. Veríssimo Serrão (**A Historiografia Portuguesa**, I, p. 22; a propósito vj. também a p. 21), «permite colocar para aquém de 1350 a data do manuscrito». Depois de 1350 mas antes de 1419, data de **Reis**<sup>5</sup>, o que indica a segunda metade do século XIV como época da versão hoje conhecida.

Parece-me, mais precisamente, que esta teria sido escrita antes de 1357, data da morte de D. Afonso IV, porque me surge a hipótese de que estamos na presença de um «memorial» dirigido àquele monarca por alguém interessado no represtígio da Ordem de Santiago, pelo que pretende apagar do seu pedestal a personalidade de D. Afonso III e, talvez sobretudo, de D. Dinis: como se sabe, as relações deste com seu filho, então reinante, não tinham sido as melhores e ele foi o grande opositor e o aniquilador dos empreendimentos do tal «muy bom ymfante» D. Afonso. Para mais a **Crónica Geral de Espanha de 1344**, ano em que reinava o **Bravo**, não evitou, como já disse, elogios, e calorosos, ao **Lavrador**. Teriam resposta nas páginas que narram a gesta de D. Paio.

Por outro lado, repita-se que a Ordem de Santiago estaria em aparente eclipse nos meados do século XIV, provocado pelo prestígio dos Hospitalários, que tanto relevo conseguiram na expedição contra os Mouros que culminou com a tão célebre batalha do Salado (em 20 de Outubro de 1340), o último episódio (uma espécie de chave de ouro) da mesma **Crónica Geral**. Não se esqueça também a política de D. Afonso IV com Castela, de estrita e austera neutralidade, o que explica ter rápida e energicamente inutilizado as pretensões do infante D. Pedro às coroas leonesa e castelhana, a mostrar a necessidade do bom entendimento entre as duas nações, que fora sintetizado no auxílio castelhano para a conquista do Algarve e no português na referida batalha do Salado. Mas não desprezemos as palavras do texto a confirmarem que ele pretende esclarecer e «corrigir» certos aspectos da



então recente **Coronnica de espanha** que se não dizia «como nem por que guisa» se fizera a conquista do Algarve, talvez entre essas «correccões» possamos contar com a possível transposição da célebre diligência de D. Maria junto de seu pai a favor do marido.

Fora esta a medianeira entre os Afonsos de Castela (XI) e de Portugal (IV), seus marido e pai; nesta crónica D. Beatriz, depois aliada de seu «mui bom» filho D. Afonso e ofendida com D. Dinis, aparece com idêntico papel na resolução do problema territorial entre dois outros Afonsos, de Portugal (III) e de Castela (X), seus marido e pai, embora a respeito deste último caso possamos levantar algumas dúvidas.

E já que se fala de transposição ocorre perguntar até que ponto a conversa (em discurso directo...) entre D. Afonso III e D. Paio Correia (IX, 1, em que este faz oferta a Deus das vidas dos seus homens mortos na luta contra os Mouros) não será eco do desinteresse pelas coisas materiais revelado por D. Afonso IV a seu genro após a batalha do Salado (13).

Como se sabe, quando da repartição do saque, declarou-se bem compensado com a glória de ter ajudado a vencer os Muçulmanos.

---

Parece-me que não fica qualquer dúvida a respeito da afastada posterioridade deste texto em relação aos acontecimentos de que se ocupa. Isso pode explicar certos lapsos (além dos já apontados como presumivelmente voluntários), sobretudo anacronismos que, segundo creio, ainda não foram assinalados, apesar de se ter reconhecido semelhanças entre este texto e os que a ele correspondem em **Reis**<sup>5</sup> e **Reis**<sup>7</sup>. Assim, por exemplo, diz-se na **Coronnica** que D. Paio conquistou Mértola três anos antes que Afonso de Bolonha «fosse dado por regedor de Portugal», isto é, em 1242 (1245—3), mas aquela conquista verificou-se em 1238; fala depois da conquista de Aljustrel, que fora antes, em 1234; tomada esta, a **Coronnica** dá a entender que a posse de Estômbar não demorou, quando na realidade só se conseguiu em 1243, do mesmo modo, também a conquista de Alvor não se seguiu «logo à pressa» àquela, mas sim em 1250.

Tudo isto são factos capazes de nos levar a sugerir reservas quanto ao valor histórico de certos passos desta obra e, também por aí, não admitir que a sua redacção se deva, como já se admitiu, a Fernão Lopes (14); não se esqueça a falta de equilíbrio na exposição das matérias (telegramática nuns pontos, circunstanciada noutros; confusa aqui, clara mais adiante) e até certo proselitismo anti-islâmico que repugnaria ao grande cronista...

---

Por sua vez, a cópia que chegou ao conhecimento de Frei Joaquim de Santo Agostinho, que a publicou, e que aparece reproduzida não muito fielmente (em relação ao texto de Frei Joaquim) nos **Scriptores**, também merece alguns comentários, ainda que sucintos e sob o signo da hipótese.

13 — Angelo Ribeiro, *ob. cit.*, p. 312 a.

14 — Magalhães Basto, **Fernão Lopes — Suas Crónicas perdidas e a Crónica Geral do Reino**. A propósito duma crónica quatrocentista inédita dos cinco primeiros reis de Portugal (Porto, 1943). A hipótese, que não parece aceitável, poderia surgir durante a leitura de certos passos do texto como em III, 1; IV, 1; IV, 3; V, 1, 4, 7; VIII, 12, etc.



Eu creio que se trata de trabalho bastante moderno (séc. XVII? mesmo séc. XVIII?) e realizado por um meridional.

Na verdade, parece bem clara a constante indiferença ortográfica entre -ss- e -c- (ou -ç-), -s- e -z-, -x- e -ch-, a frequência de -o- por -ou-. Cito exemplos ao acaso, cujo número, como o leitor facilmente poderá verificar, está muito longe do que em totalidade o texto está em condições de fornecer: *diceraõ* (V, 1; VII, 3), *diçe* (VIII, 1), *foçem* (VII, 1), *viveçem* (VII, 10), *falheçeçe* (V, 8), *preça* (VII, 4), *apressadamente* (VI, 1), *symquo* (V, 4), *quizeçem* (VIII, 13), *quizessem* (VII, 1), *septas* (VIII, 11), *trouçe* (VIII, 3), *troucheraõ* (VI, 7) *deichou* (VII, 1), *sobe* (=soube) (VII, 3), *guisa* (I, 2), *guiza* (VII, 7), *vassalo* (VIII, 6), *vaçallos* (VIII, 14), *otros* (V, 6), *otra* (VII, 8), *moros* (frequente), *moraria* (VI, 4).

Não me recordo de qualquer passo onde se verifique uma confusão entre -b- e -v-.

Tomei nota de *munto* (III, 1; V, 4; IX, 1), *munta* (VI, 7), *muntos* (III, 2; VIII, 12), *muntas* (V, 7); das duas variantes *Estombar* (II, 2; V, 6) e *Estombre* (I, 6; VII, 2, 4), ambas ainda hoje audíveis no Algarve.

Guardo para o fim dois casos, quanto a mim, do maior interesse.

Em primeiro lugar, o muito algarvio *garrear* (V, 1) que, como se verifica, não aparece nos textos equivalentes <sup>(15)</sup>.

Depois, convém assinalar um pormenor curioso: em VI, 6, indica-se a data da conquista de Tavira utilizando a era de Cristo, quando quase sempre esta *Crónica* segue a de César. Creio tratar-se de iniciativa de um copista que ou pretendeu emendar o que julgava errado (só aqui?) ou assinalar bem claramente a data histórica da conquista de Tavira. A admitir (e a provar, se possível) esta última hipótese, poderíamos até ser levados a crer que o benemérito copista do exemplar encontrado por Frei Joaquim de Santo Agostinho também era natural de Tavira, onde o texto existia no século XVIII, como se sabe.

---

15 — Em *Reist*: *guerrearemos*. Em *Reis?*: *gerearemos*.



## 6. — REGISTO ONOMÁSTICO

- ABEM FABILLA, antr. VI, 5. **Reis**<sup>5</sup> e **Reis**<sup>7</sup>: Abemfabela.
- ABOIM, Vj. Boim.
- AFONSO, antr. Afomso, I, 1; I, 2; I, 3; VIII, 1, 3, 6.
- ALAMAFOM, antr. VII, 3, 4, 5. **Reis**<sup>5</sup>: Almofaõ, Almofom, Alhomafom, Elbomafom. **Reis**<sup>7</sup>: Albomafem.
- ALAMAFOM (PEGO DE). Vj. Pego de Alamafom.
- ALBUFEIRA, top. Albofeira, VII, 2 (como em **Reis**<sup>5</sup>). **Reis**<sup>7</sup>: Albufeyra.
- ALCABRARÃO, antr. VIII, 4, 9. **Reis**<sup>5</sup>: Aluabarẽ e Abombarem. **Reis**<sup>7</sup>: Aboombaraão.
- ALCOBAÇA, top. Allcobaça, I, 1.
- ALGARVE, top. Alguarve, I, 5; II, 4; VII, 7; VIII, 1, 3. **Allguarve**, I, 2; VIII, 2.
- ALGEZUR, top. IX, 2.
- ALJUSTREL, top. Auzulltrell, I, 5; Azulltrell, I, 6.
- ALMARGEM, top. IV, 3.
- ALMODÓVAR, top. Almodovar do Campo de Ourique, VIII, 4, 6.
- ALOANDRE, antr. VIII, 4, 9. **Reis**<sup>5</sup>: Aloandre e Aboambre. **Reis**<sup>7</sup>: Alboambre e Alboanbre.
- ALVARO, antr. V, 7.
- ALVOR, top. I, 6; II, 2.
- ANTAS, top. V, 2, 4; VI, 3, 7.



- AUZULLTRELL, top. Vj. **Aljustrel**.
- AVIS (mestre de), **Aviz**, VIII, 7.
- AZOIA, top. **Zoya**, VII, 5, 6. **Reis**<sup>5</sup>: «chamaõ de la zeia»; dazoia **Reis**<sup>7</sup>: da **Zoya**.
- BEATRIZ, antr. **Beatrix**, I, 1; **Beatris**, I, 3. **Reis**<sup>5</sup>: Briatis, Breatis. **Reis**<sup>7</sup>: Brjatiz.
- BEJA, top. VIII, 4.
- BISPO (FONTE DO), top. Vj. **Fonte do Bispo**.
- BOIM, apel. VIII, 6.
- BRANCA, antr. **Bramqua**, I, 1.
- CABEÇO DO MESTRE, top. IV, 3.
- CABO (DE S. VICENTE), top. II, 1.
- CACELLA, top. II, 1; III, 2, 4; IV, 2, 5; VI, 1.
- CAMPO DE OURIQUE, top. Vj. **Ourique (Campo de)**.
- CAPELLO, epíteto de D. Sancho II. I, 4.
- CASTELLA, top. I, 1, 3; VIII, 1.
- CASTRO MARIM, top. IV, 3.
- CHRISTO, hier.m. Vj. **Jesus Cristo**.
- CORREIA, apel. **Correa**, I, 2, 3, 4; VIII, 1, 3, 6.
- CORTIÇADAS, top. VIII, 4. **Reis**<sup>5</sup>: çercicadas.
- CRISTO, hier.m. Vj. **Jesus Cristo**.
- DAMIÃO, antr. VI, 7.
- DENIS, antr. Vj. **Dinis**.
- DESBARATO, top. **Desbaratto**, II, 5 (como s. m., IV, 1). **Desbarato em Reis**<sup>5</sup> e **Reis**<sup>7</sup>.
- DINIS, antr. **Denis**, I, 1. **Reis**<sup>5</sup>: Dinis. **Reis**<sup>7</sup>: Denjs.
- EGAS, antr. VIII, 7.
- ESCRENHO, apel. VIII, 6. **Reis**<sup>5</sup>: estaifo (sem Dom Pero). **Reis**<sup>7</sup>: Estanho.



- ESPAÑHA, top. I, 1, 3.
- ESTEVAÕ, antr. VI, 7.
- ESTÔMBAR, top. II, 2; V, 6. **Torre de estombre**, I, 6; VII, 2, 4. **Reis**<sup>2</sup>: escambar, Estombar. **Reis**<sup>7</sup>: Estoubar (sempre). Em **Reis**<sup>5</sup>, sempre **Torre de estombar**, excepto em I, 6, em que não figuram as palavras **Torre de**.
- ESTOMBRE, top. Vj. **Estômbar**.
- FABILLA, antr. Vj. **Abem Fabilla**.
- FARÃO, top. Vj. **Faro**.
- FARO, top. **Faraõ**, I, 2; II, 4; V, 6; VIII, 4, 6, 14; IX, 1, 2.
- FERNANDO, antr. I, 3.
- FERNAÕ, antr. VIII, 7.
- FONTE DO BISPO, top. III, 2.
- FORADOIRO, top. III, 2.
- FREIRAS (PORTA DAS), top. VIII, 6.
- GARCIA, antr. I, 5; II, 3; V, 6. **Gracia**, VI, 7, como antr. e como apel.
- GRACIA, antr. e apel. Vj. **Garcia**.
- HOSPITAL, Ordem militar. VIII, 7.
- JESUS CRISTO, hier.m. **Jezus Christo**, VI, 7.
- JOÃO, antr. VIII, 6, 7.
- LAGOS, top. I, 6.
- LISBOA, top. I, 1.
- LOPES, apel. **Loppes**, VIII, 7.
- LORVÃO, top. **Llorvaõ**, I, 1.
- LOULÉ, top. Loule, II, 4, 5; VIII, 6; IX, 1, 2.
- LOURENÇO, apel. VIII, 7.
- LUSITANIA, top. I, 4.



- MARIA (SANTA), top. Vj. **Santa Maria**.
- MARROCOS, top. VIII, 4.
- MEM, antr. VI, 7; VIII, 8.
- MERTOLA, top. **Merthola**, I, 4.
- MESTRE (CABEÇO DO). Vj. **Cabeço do Mestre**.
- MESTRE DE AVIS. Vj. **Avis**.
- MIGUEL (SÃO), cron. Vj. **São Miguel**.
- MIRAMOLIM, s. m. VIII, 4. **Reis<sup>2</sup>**: Mjramomolim.
- MORARIA, top. Vj. **Mouraria**.
- MOROS, etn. Vj. **Mouros**.
- MOURARIA, top. **Moraria** (de Tavira), VI, 4. **Reis<sup>2</sup>**: Mouraria. **Reis<sup>2</sup>**: Mourarja.
- MOUROS, etn. **Moros**: I, 4, 5, 6; II, 1, etc.
- ORIQUE, top. Vj. **Ourique**.
- OSSA, apel. VI, VI, 7. **Reis<sup>2</sup>**: Coja. **Reis<sup>2</sup>**: Coya.
- OURIQUE, top. **Ourique (Campo de)**, I, 5; VII, **Orique (torre de)**, I, 6.
- PADERNA, top. II, 3; VII, 2, 3, 11.
- PAES, apel. Vj. **Pais**.
- PAIO, antr. **Payo**, I, 2, 3, 4; VIII, 1, 3, 6.
- PAIS, apel. **Paes**, VI, 7.
- PAYO, antr. Vj. **Paio**.
- PEGO DE ALAMAFOM, top. VII, 8.
- PÊRO, antr. **Pero**, VI, 7; VIII, 6.
- PORTUGALL, top. I, 1, 3, 4.
- RODRIGUES, apel. I, 5; II, 6. **Rodriguez**, V, 6; VI, 7.
- SALIR, top. **Sellir**, VII, 1 (como masc.: «tomou o por força», como em **Reis<sup>2</sup>**; o passo falta em **Reis<sup>2</sup>**), VIII, 6. **Reis<sup>2</sup>**: salir, Silir. **Reis<sup>2</sup>**, alteração em VII, 1; Sylir.



- SANCHA, antr. **Samcha**, I, 1.
- SANCHO, antr. **Samcho**, I, 4.
- SANTA MARIA, top. VI, 7; VII, 6.
- SANTIAGO, hier. VI, 7.
- SANTIAGO (ORDEM DE). I, 3.
- SAO BARNABÉ, hier. VI, 6.
- SÃO MIGUEL DE SETEMBRO, cron. V, 1.
- SÃO VICENTE (CABO DE), top. Vj. **Cabo**.
- SELLIR, top. Vj. **Salir**.
- SERRA (do Caldeirão), top. I, 5, 6; II, 5; VII, 2.
- SEVILHA, top. I, 1, 3.
- SILVES, top. I, 6; VII, 2, 3. **Silvez**, II, 1.
- SOARES, apel. VIII, 7.
- TAVIRA, top. I, 2; II, 1, 4, 5; III, 1; V, 4, 6; VI, 6; VII, 1.
- TOLEDO, top. **Tolledo**, VIII, 2.
- TORRE DE ESTOMBRE. Vj. **Estômbar**.
- TORRE DE ORIQUE, top. Vj. **Ourique**.
- UNHAO (JOÃO DE), apel. VIII, 7. **Reis<sup>o</sup>**: dom João da vinha. **Reis<sup>o</sup>**: D. Yoam d Aujnham.
- VALLERIO, antr. VI, 7. **Reis<sup>o</sup>**: valeiro. **Reis<sup>o</sup>**: Bolero
- VALLE, apel. VI, 7.
- VAZ, apel. VI, 7.
- ZOYA, top. Vj. **Azoia**.



## SIGLAS

- Reis<sup>6</sup>.** — Crónica de Cinco Reis de Portugal, inédito quatrocentista reproduzido do cód. 886 da Biblioteca Públ. Municipal do Porto; seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da Crónica Beral de Espanha e outros textos. Edição Diplomática e Prólogo de A. de Magalhães Basto. Vol. I ... [Porto, 1945].
- Reis<sup>7</sup>.** — Academia Portuguesa da História. Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal. Edição crítica pelo académico de número Carlos da Silva Tarouca, S. J. ... Lisboa. MCMLII.

---

Esta Crónica talvez ainda possa fornecer mais informações a respeito dos homens que viveram em Portugal nas épocas que lhe serviram de cenário. Procurá-las constituirá excelente ensejo para, em letra de forma, se corrigir e completar este modesto ensaio.

JOSE PEDRO MACHADO



# ÍNDICE

## SECÇÃO OFICIAL

Assembleia, Câmara e Comissões .....	7
Relatório da Gerência de 1977 .....	9
Finanças Municipais .....	31
Mapas .....	39
Plano de actividade para 1978 .....	49
Bases do Orçamento .....	69
Efemérides de 1977 .....	76

## SECÇÃO CULTURAL

### CIDADE

Apontamentos para a História das Fortificações da Praça de Faro — por Carlos Pereira Callixto	
A Fortaleza de São Lourenço da Barra de Faro .....	85
Fortes e Baterias dependentes da Praça de Faro .....	101

### MUSEUS MUNICIPAIS

Relatório dos trabalhos executados em Faro pelo pessoal do Museu Monográfico de Conimbriga de 3 a 14 de Maio de 1976	125
--	-----

### BIBLIOTECA MUNICIPAL

História das Comemorações das Bodas de Diamante da Biblioteca — 1902 - 1977 — pelo seu Director José António Pinheiro e Rosa .....	139
--	-----

### OUTROS ESTUDOS

Crónica da Conquista do Algarve (Texto de 1792) — Comentários e notas de José Pedro Machado .....	239
Povoado Calcolítico de Alcalar. Notícia da sua identificação — por José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito .....	275



INDICE

INDICE

Direcção de:

JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

INDICE

Capa de:

MANUEL XABREGAS

Fotografias e mapas para as gravuras:

DOS AUTORES DOS ARTIGOS

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE

INDICE



Composição e Impressão  
Tipografia União  
F A R O  
1 9 7 8